

Das coxias ao prosccênio: conversas e ensaios entre matemática, literatura e teatro

From the wings to the proscenium: conversations and essays between mathematics, literature and theater

De los bastidores al prosccenio: conversaciones y ensayos entre matemáticas, literatura y teatro

Mateus de Souza Barros¹ 

Andréia Dalcin² 

RESUMO

O artigo apresenta uma pesquisa que analisou possíveis articulação entre matemática e teatro a partir de uma prática desenvolvida no contexto dos anos finais do Ensino Fundamental, buscando identificar e analisar conexões que um grupo de estudantes estabeleceu com a matemática ao produzir performances teatrais usando crônicas. Participaram da pesquisa um grupo de estudantes entre 11 e 14 anos de uma escola pública de Porto Alegre no Rio Grande do Sul. Os resultados sinalizaram que a matemática e o teatro, quando entrelaçados, não apenas ensinam conteúdos, mas também contribuem para a formação de sujeitos mais sensíveis, críticos, criativos e humanizados. **Palavras-chave:** Matemática e Teatro; Educação Matemática; Teatro na Educação; Matemática e Arte.

ABSTRACT

The article presents a study that analyzed possible links between mathematics and theater based on a practice developed in the context of the final years of elementary school, seeking to identify and analyze connections that a group of students established with mathematics when producing theatrical performances using chronicles. A group of students aged 11 to 14 from a public school in Porto Alegre, Rio Grande do Sul, participated in the research. The results indicated that mathematics and theater, when intertwined, not only teach content, but also contribute to the formation of more sensitive, critical, creative, and humanized individuals.

Keywords: Math and Theater; Mathematical Education; Theater in Education.

RESUMEN

El artículo presenta una investigación que analizó posibles articulaciones entre las matemáticas y el teatro a partir de una práctica desarrollada en el contexto de los últimos años de la enseñanza básica, buscando identificar y analizar las conexiones que un grupo de estudiantes estableció con las matemáticas al producir representaciones teatrales utilizando crónicas. En la investigación participó un grupo de estudiantes de entre 11 y 14 años de una escuela pública de Porto Alegre, en Rio Grande do Sul. Los resultados indicaron que las matemáticas y el teatro, cuando se entrelazan, no solo enseñan contenidos, sino que también contribuyen a la formación de sujetos más sensibles, críticos, creativos y humanizados.

Palabras clave: Matemáticas y Teatro; Educación Matemática; Teatro en la Educación; Matemáticas y Arte.

1 Mestrando de Pós-Graduação em Ensino de Matemática—Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Endereço para correspondência: Rua Antônio Joaquim Mesquita, Passo D'areia, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, CEP: 91350-180. E-mail: barros.teus@gmail.com.

2 Doutora em Educação, área de Educação Matemática, pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2008. Docente e pesquisadora na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Endereço para correspondência: Rua Castro Alves, 526, Niterói, Canoas, Rio Grande do Sul, Brasil CEP: 92110430. E-mail: andreia.dalcin@ufrgs.br

O ROTEIRO- PANO DE FUNDO

A arte e nada mais que a arte! Ela é a grande possibilidade da vida, a grande aliciadora da vida, o grande estímulo da vida. (Nietzsche, 1983, p.28).

A arte, nas suas mais diferentes formas, suscita, no íntimo do homem, o amor pela vida, o salva, dá sentido à sua existência. É pela arte que o homem se redime com ele mesmo. Como bem coloca Nietzsche:

Aqui, neste supremo perigo da vontade, aproxima-se, qual feiticeira da salvação e da cura, a arte; só ela tem o poder de transformar aqueles pensamentos enojados sobre o horror e o absurdo da existência em representações com as quais é possível viver: são elas, o sublime, enquanto domesticação artística do horrível, e o cômico, enquanto descarga artística da náusea do absurdo. [...] (Nietzsche, 2007, p.53).

Dentre as artes, está o teatro, onde a tragédia e a comédia da vida encontram acolhida. Trazendo à tona as mazelas, virtudes, contradições e limitações do humano que se mostram pelas paixões, sofrimentos e alegrias que se entrelaçam no enredo e nas expressões dos atores e atrizes. “O teatro é em si a encenação de uma narrativa. Uma narrativa real, fictícia, fantasiosa... são vários os adjetivos possíveis que podem ser associados à narrativa que se materializa em uma peça de teatro” (Dalcin, 2022, p.13). E, é por meio do teatro que muitas narrativas sobrevivem ao longo do tempo, sendo contadas e recontadas, mantendo vivos elementos da memória coletiva, das experiências vividas que são ressignificadas a cada novo tempo.

Mas é também, no âmbito da individualidade, por meio dos jogos e performances teatrais que o processo educativo se dá. Que a criança e o adolescente encontram brechas e elaboram constructos para lidar com a magia e a realidade da vida. Walter Benjamin, em suas *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação* (2002), discorre sobre a importância de pensar uma educação que valorize o teatro, “pois por meio dele desponta o sinal secreto do vindouro através do gesto infantil” (Vasconcelhos, 2013 p. 15). Sobre os jogos teatrais, Para Santos e Vieira Silva

[...] o jogo teatral, em sala de aula, favorece para a construção crítica do contexto sociocultural, diretamente, conexo às possíveis representações acerca da realidade vivida pelos próprios educandos. O jogo teatral permite apresentar e analisar questões importantes e fundamentais sobre a realidade social do aprendiz. (Santos; Vieira Silva, 2017, p. 2)

Ainda, Benjamin chama atenção para o modo como as crianças se relacionam com o mundo e desenvolvem a faculdade mimética, “não se refugiando na mera imitação dos adultos, mas na percepção (*Wahrnehmung*) que tem do mundo, que se dá de modo singular e por meio de uma representação crítica resultante da profanação permitida pelo jogo infantil” (Vasconcelos, 2013, p.13). Para Benjamin “a essência da representação, como da brincadeira, não é “fazer como se” mas “fazer sempre de novo” (Benjamin, 1994, p. 253). Nesse sentido,

É por intermédio da profanação, expressa no gesto, que a criança desenvolve sua linguagem a partir da experiência do novo o qual tem no - fazer sempre de novo- o retorno ao vivenciado sem frustrações e/ou neuroses de ordem exterior, explicitando que o novo é sempre a transição da destituição à transformação de hábitos (Vasconcelos, 2013, p. 157).

O teatro permite esse movimento da repetição, do fazer de novo, cada vez de uma nova forma, envolvendo corpo, gestos, movimento, dança, imaginação, fala, por vezes música e canto, estabelecendo semelhanças entre as coisas do mundo, a natureza e os adultos, de forma imaginativa. Nesse sentido, nos distanciamos, assim como Walter Benjamin (1994, 2002), de uma concepção de teatro ou de educação institucionalizados que objetiva adestrar a criança ou o adolescente para a vida adulta, tornando-os meros reprodutores da vida, consumidores ou trabalhadores submissos. Benjamin reivindica uma educação que tenha como viés a reflexão resultante da representação crítica da existência e nesse contexto o teatro tem papel de destaque.

A partir desses pressupostos que, na condição de pesquisadores e educadores matemáticos, nos aproximamos do teatro-educativo como potência e possibilidade de construção de uma narrativa sobre a experiência, situando a matemática como uma prática social, que possibilita diferentes modos de perceber e se conectar com distintos aspectos da vida, para além de uma visão utilitarista da matemática.

Nesse artigo apresentamos uma síntese da pesquisa de Barros (2024), desenvolvida em uma escola pública da cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, que envolveu matemática e teatro tendo como questão balizadora: *“Quais as conexões que um grupo de estudantes estabelece com a Matemática ao produzir performances teatrais usando crônicas?”*. Nessa perspectiva a pesquisa buscou propor, vivenciar e analisar uma prática pedagógica com um grupo de estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental. A produção dos dados da pesquisa, de natureza qualitativa, aconteceu por meio de sete encontros no contraturno das aulas, com alunos do 7º ao 9º ano que participavam do projeto Laboratório de Matemática e Arte³

A CO-PRODUÇÃO: TEORIA E PALCO

*A vida é uns deveres que nós trouxemos para fazer em casa.
Quando se vê, já são 6 horas: há tempo...
Quando se vê, já é 6ª feira...
Quando se vê, passaram 60 anos!
Agora, é tarde demais para ser reprovado...
E se me dessem – um dia – uma outra oportunidade,
eu nem olhava o relógio
seguia sempre em frente...*

e iria jogando pelo caminho a casca dourada e inútil das horas (Mário Quintana)

Um diálogo (quase) silencioso e surpreendente se desenrola entre a história do teatro e a da matemática. Nos rituais e imitações de caçadas da pré-história, a cena já se estabelecia como uma forma ancestral de expressão e comunicação. Avançando no tempo, a tragédia e a comédia da Grécia Antiga não eram mero entretenimento, mas um palco pedagógico público onde se refletia sobre questões sociais e morais. Paralelamente, em um balé de civilizações, a matemática florescia, partilhando com o teatro o mesmo solo fértil: “lugares nos quais as pessoas dispunham de lazer” (Aristóteles, *Metafísica*, 20-25, apud [75], pp. 258-259). Ambos, em sua essência, buscavam a lógica, a verdade e a harmonia do mundo.

O espetáculo da história não parou. Na Idade Média, o teatro, outrora proscrito por suas raízes pagãs, ressurgiu com um novo propósito, desta vez religioso e pedagógico, re-
vi-

³ Laboratório criado para desenvolvimento dos alunos na disciplina de Matemática juntamente com as Artes (música, teatro, cinema, etc.).

vendo as narrativas nas representações pascais. Nesse cenário, figuras como Rosvita de Gandersheim utilizaram de peças teatrais para transmitir saberes e valores, tecendo no palco discussões filosóficas e sociais, fazendo uso de elementos matemáticos para a construção de argumentos (Führ, 2024). Em um movimento similar, a matemática encontrava seu próprio caminho, expandindo-se por meio do intercâmbio cultural, da tradução de antigas obras e produção de novas.

Hoje, a cena se abre para um novo ato: a investigação da integração entre essas duas áreas. Lacerda (2021) defende que a união potencializa a criatividade e o aprendizado, sem que uma discipline a outra. Mendes Filho (2016) aponta o teatro como um recurso didático capaz de superar as barreiras do ensino tradicional, tornando a matemática mais acessível e engajadora. Campos (2015) ressalta que a arte aprofunda a compreensão dos conceitos matemáticos, promovendo a formação integral do indivíduo. E ainda, Lacerda (2021) comenta sobre a possibilidade do teatro e da arte na Educação Matemática

E no meio de tudo isso, inventamos estratégias e criamos linhas de fuga que nos permitiram escapar do disciplinamento escolar a que sujeitam nossos corpos, transformando-os a partir de um processo teatral, seja ele lúdico ou arte (Lacerda, 2021, p. 140).

Para a pesquisadora Poligicchio (2011), a matemática e o teatro, embora de naturezas distintas, compartilham a mesma busca por compreender e representar o mundo. Enquanto a matemática recorre à lógica, a equações e à abstração, o teatro se vale da narrativa, dos personagens e da dramaticidade.

Essa união não apenas aproxima as duas áreas, mas também humaniza a matemática e a aproxima de alunas e alunos. Poligicchio (2011) ainda argumenta que o teatro se revela um veículo para a materialização de conceitos matemáticos abstratos, dando-lhes vida e forma no palco. Além disso, a arte cênica é vista como uma ferramenta poderosa para transformar a imagem social da matemática, que, muitas vezes, é percebida como rígida e inacessível, explorando seu potencial enquanto uma prática criativa e humana. Em tempo, para Poligicchio, sobre essa relação matemática e teatro

[...] a parceria da arte teatral e da ciência matemática, uma vez que, tanto no Teatro como na matemática, há um universo de abstrações e ficções, sendo que o primeiro possibilita a materialização dos conceitos matemáticos por meio da narrativa teatral. (Poligicchio, 2011, p. 12)

Mendes Filho (2016), outro autor/pesquisador que discute a Matemática com/e Teatro, reforça a ideia de que a matemática, ao ser encenada, se torna mais acessível e humanizada. O autor destaca que um público que participa, discute e avalia um tema de maneira crítica se mostra mais próximo de aprender e se desenvolver. Essa visão corrobora a abordagem desta pesquisa, que utilizou o teatro para promover a criticidade e o engajamento dos alunos, mostrando que a matemática pode ser explorada de forma colaborativa e criativa.

A pesquisa qualitativa de Mendes Filho analisou o uso do teatro como recurso didático-pedagógico para o ensino-aprendizagem da disciplina. Mendes Filho (2016) aponta que a prática teatral colabora significativamente para a aprendizagem, a consolidação de novos comportamentos e a socialização dos alunos. Para o autor, o teatro ajuda a desfazer a visão

da matemática como uma disciplina complicada e maçante. A virtude da arte cênica, segundo ele, está em introduzir ou reforçar tópicos da matemática de forma lúdica e divertida, o que, geralmente, é mais interessante para o aluno. O autor também utiliza o termo “Teatro Matemático” para se referir a peças teatrais com temas e conteúdos da matemática, que podem servir de modelo para que professores e alunos criem suas próprias histórias

O ENSAIO-PROCESSOS E DESAFIOS

Personagem mãe: “Aprender sobre o teatro foi algo muito bacana, ver que são coisas que a gente pensa que nunca iria fazer, mas quando vê, ops, tá ali fazendo. Muito bacana de se fazer, quem tiver oportunidade faça, é bem bacana para fazer amizades também.”

A pesquisa inscreve-se no campo qualitativo, na perspectiva de Bogdan e Biklen (1994), e se orienta menos por uma lógica de comprovação e mais por uma atitude interpretativa, atenta aos processos, às narrativas, aos desvios e aos afetos que atravessam a prática vivenciada pelos participantes da pesquisa. O foco está no caminho, e não na chegada, na experiência, e não na eficiência. Mais do que gerar respostas, deseja-se escutar perguntas, aquelas que surgem quando corpo, matemática e docência se cruzam de forma viva. Para Bogdan e Biklen

Os pesquisadores qualitativos buscam entender como as pessoas interpretam suas experiências e como essas interpretações são moldadas por contextos sociais, culturais e históricos. A pesquisa qualitativa, portanto, não se limita a medir ou quantificar, mas se dedica a descrever e interpretar a vida social (Bogdan, Biklen, 1994, p. 7).

O diário de bordo serviu como estratégia para o registro detalhado e contínuo das atividades e das percepções do pesquisador. Esse recurso permitiu documentar situações relevantes e momentos de reflexão que emergiram ao longo dos encontros, capturando o processo da pesquisa em sua totalidade.

A observação participante foi central para a análise de dados, combinada com o cruzamento entre os registros produzidos ao longo do desenvolvimento da proposta pedagógica planejada. A presença do pesquisador nos encontros permitiu uma imersão direta no ambiente da pesquisa e na dinâmica do grupo. Essa abordagem, focada no caráter descritivo e analítico dos momentos, buscou compreender os significados por trás das ações dos participantes-estudantes, valorizando o processo em detrimento de resultados numéricos.

Além disso, a pesquisa contou com entrevistas, realizadas tanto no primeiro quanto no penúltimo dia da prática. As entrevistas foram utilizadas para identificar opiniões, suscitar sentimentos e compreender as possíveis mudanças nas percepções dos participantes em relação à matemática, ao teatro e ao tempo destinado para a atividade. Essa produção de dados, complementada por áudios, imagens e vídeo da peça final, contribuiu para a análise apresentada neste estudo.

A prática da pesquisa foi realizada por meio de sete encontros com a participação de dez estudantes do projeto Laboratório de Matemática e Arte de uma escola municipal de Porto Alegre. Entre os estudantes, encontravam-se crianças e adolescentes dos 11 aos 14 anos. As atividades foram estruturadas em torno do gênero literário “crônica”, um gênero

híbrido, situado entre o jornalismo e a literatura, que, por sua natureza, aborda o cotidiano e a subjetividade. As crônicas selecionadas foram

- Seiscentos e Sessenta e Seis⁴, de Mário Quintana.
- Dois mais dois⁵ Luís Fernando Veríssimo.
- Matemática da Vida⁶, de Martha Medeiros.
- Professor⁷, de Fabrício Carpinejar.
- Você é um número⁸, de Clarice Lispector.

A escolha dessas crônicas foi motivada pelo diálogo que estabelecem com a matemática e a vida, trazendo à tona questões como a passagem do tempo, a relação entre números e a existência humana, e o papel do professor. Em síntese, a proposta pedagógica consistiu em alunas e alunos lerem as crônicas e, a partir delas, criarem uma peça de teatro que conectasse a matemática com as narrativas. A peça final, resultado dos ensaios e da escrita colaborativa dos participantes, foi apresentada para a comunidade escolar.

Para melhor entendimento e envolvimento com este artigo, o Quadro 1 sintetiza o que ocorreu em cada um dos seis encontros, e, finalmente, um relato do sétimo encontro, no qual foi encenada a peça teatral para um grupo de estudantes da escola. Deste modo, podemos revisitar a prática da pesquisa, repensando-a como um roteiro teatral, vendo o passo a passo dos encontros.

Quadro 1 – Encontros e momentos da Pesquisa

Encontro	Atividades realizadas	Foco e Conexões
Primeiro Ensaio	Jogos Teatrais para apresentação; Conversa sobre o que é a Matemática e o que é o Teatro; Distribuição das crônicas para as duplas;	Linguagem e expressão: os estudantes associam a Matemática a números e o Teatro a sentimentos; Ideias iniciais: A Matemática pode ser um “relacionamento entre coisas”, e as “expressões numéricas” podem se conectar com “expressar sentimentos”.
Segundo Ensaio	Continuação dos Jogos Teatrais; Conversa sobre a Imagem Social da Matemática; Representação da Matemática com o corpo; Escolha de palavras-chave para as crônicas.	Imagem Social da Matemática: discussão da Matemática como “chata”, mas os professores “legais”. Corporeidade: Uso do corpo para expressar sentimentos sobre a disciplina.
Terceiro Ensaio	Acolhimento e conversa sobre as experiências da enchente de 2024 no Rio Grande do Sul; Proposta e decisão de criar uma peça autoral; Escolha do tema da peça: “tempo”; Nomeação dos personagens do elenco; Começo da escrita do roteiro.	Acolhimento e União: O teatro como espaço de apoio emocional em momentos difíceis; Autonomia e criatividade: O elenco decide contar a sua própria história (Figura 1); Interdisciplinaridade: O “tempo” é escolhido como tema por ser “matemático” e “emocional”.

4 Crônica–Seiscentos e Sessenta e Seis

5 Crônica–Dois mais dois

6 Crônica–Matemática da Vida

7 Crônica–Professor

8 Crônica–Você é um número

Quarto Ensaio	Exercícios de aquecimento vocal e corporal; Ensaio das primeiras cenas; Definição dos movimentos do palco e das falas; Introdução e definição do personagem "O Mágico do Tempo".	Técnicas Teatrais: Aprendizado sobre projeção da voz e movimentos em cena. Colaboração: os estudantes se ajudam e contribuem uns para as cenas dos outros; Personificação: A ideia do "Mágico do Tempo" traz dinamismo e complexidade à peça.
Quinto Ensaio	Entrevistas com o elenco para analisar alguma evolução sobre as percepções da Matemática e do Teatro; Discussão aprofundada sobre a relação Matemática e Teatro; Escolha do título da peça: "A Matemática da Vida".	Análise da Evolução: Os estudantes mostraram e deram respostas mais contundentes sobre a relação da Matemática com o Teatro; Matemática Acessível: Os alunos percebem que a disciplina pode ser mais "divertida" e mesmo assim aprender; Síntese: A escolha do título reflete a integração dos conceitos de tempo, vida e matemática.
Sexto Ensaio	Ensaio geral da peça; Ajustes finais de roteiro e encenação; Discussão sobre solidariedade para superar a vergonha; Definição da plateia: alunos do 5º ano e seus responsáveis.	Solidariedade e União: O grupo se ajuda a superar o nervosismo, reforçando o senso de equipe; Propósito: A decisão de apresentar a peça para os alunos menores demonstra o objetivo de compartilhar o aprendizado.

Fonte: elaborado pelos autores (2025)

Antes que os resultados sejam descortinados, abre-se espaço para uma cena única: o dia da peça. Após seis ensaios, a apresentação final, batizada de *A Matemática da Vida*, ergueu-se como o ponto mais alto da jornada, transformando esforço e dedicação em experiência marcante. O clima na coxia misturava nervosismo e euforia. Os alunos chegavam agitados, desejosos de repetir uma última vez os passos do espetáculo. A presença de amigos e familiares, convidados para testemunhar aquele momento, acrescentava uma camada a mais de emoção ao ambiente.

Figura 1 – Alunas escrevendo suas cenas



Fonte: os autores (2024)

A peça, com cerca de vinte minutos, revelou criatividade e densidade. Sua narrativa, construída em pequenas cenas, era conduzida pela figura do Mágico do Tempo, persona-

gem que, com truques e palavras, deu forma à ideia de que o tempo pode ser sentido, mas não se limita a “caber” em números.

Em tempo, faz-se um breve conto de como foi a peça, para uma melhor experiência da leitora ou leitor:

O Grande Dia: A Peça em Cena

O espetáculo, que durou cerca de 20 minutos, foi o ápice do projeto, transformando os ensaios em uma experiência memorável. A peça, intitulada “A Matemática da Vida”, foi uma criação coletiva e genuína dos alunos, que optaram por contar sua própria história ao invés de apenas encenar as crônicas. O enredo se desenrolou em pequenas cenas interligadas, que exploravam a dualidade do tempo: um conceito matemático (horas e minutos) e uma experiência emocional (sentimentos e vivências). A narrativa foi costurada pelo personagem do Mágico do Tempo, que se revelou ao longo do enredo ser o próprio tempo em si. Sua função era conduzir o público pelas cenas, usando magia para ilustrar como o tempo se manifesta de diferentes formas e como pode ser percebido de maneira subjetiva, dando um toque de mistério e poesia à trama. O enredo foi construído com base em suas próprias percepções sobre a vida e as crônicas que leram, o que refletia o tema central da peça: a pressa de viver e a importância de valorizar cada momento.

A narrativa, construída em torno do tema do tempo, foi costurada por cenas que se aprofundaram nas relações entre a matemática e o cotidiano. Após a introdução do “Mágico do Tempo”, a primeira cena a se desenrolar foi a que retratava a relação entre uma mãe e sua filha. Inspirada pelas vivências de uma das atrizes, a cena mostrava a personagem *filha*, impaciente, desejando crescer rápido para ir a uma festa, enquanto a personagem *mãe*, preocupada, tentava dissuadi-la. O objetivo era explorar a matemática e a literatura por trás da adolescência: a pressa de viver e a ilusão de que se pode queimar etapas. A cena atinge seu clímax quando a filha, assaltada na rua, retorna para casa e se dá conta de que sua mãe havia tentado avisá-la, por meio de uma frase: “tudo tem o seu tempo certo para acontecer”. A cena simbolizava a ideia de que não se pode acelerar o tempo, e que cada momento, mesmo que doloroso, deve ser vivido para o próprio aprendizado e crescimento.

Em seguida, a cena das personagens *professora* e *aluna*, que dialogava diretamente com a crônica de Clarice Lispector, “Você é um número”, tinha como objetivo principal a desmistificação da matemática. A professora desafiava a aluna a pensar sobre o tempo sem os números, mostrando que a matemática pode ser explorada de forma qualitativa, não apenas quantitativa. O objetivo era “quebrar” a imagem da disciplina de Matemática como algo frio e inacessível, e sim mostrar que há matemática(s) presente em nossas vidas de maneiras não numéricas, como nos sentimentos e nas emoções.

A cena final (Figura 2), inspirada na crônica “A Matemática da Vida”, de Martha Medeiros, trazia à luz a personagem *parada*, interpretada por uma das alunas. A cena ilustrava a ideia de que o tempo, personificado pelo Mágico, está sempre presente em nossas vidas, e que só damos valor a ele quando paramos por algum motivo, muitas vezes alheio à vontade, e somos tomados por sua presença. O grande significado dessa cena era mostrar que a vida, assim como o teatro, é um palco onde é preciso viver o presente, sem pressa. A crônica

serviu como a revelação final de que o tempo é muito mais do que números; ele é a soma e a subtração de nossas experiências, e sua essência não pode ser quantificada, apenas sentida.

E as alegrias não pararam aí. O retorno da plateia e a conversa com a mesma, tornou-se parte essencial da peça. Os alunos e alunas do 5º ano, público principal, participaram ativamente, respondendo a perguntas e refletindo sobre a ligação entre matemática e teatro. Dentre as vozes, destacou-se a de uma das protagonistas, cuja personagem era intitulada *parada*: “Aprendi que a matemática não é só números, mas que pode servir para expressá-los, como fizemos em nossa peça.” Do outro lado, a fala de uma professora de inclusão ecoou também como um presente: reconheceu a evolução de uma aluna que antes enfrentava dificuldades de comunicação e leitura, mas que decorou seu texto e o apresentou com propriedade. Nesse instante, confirmou-se que aquela prática ultrapassava a esfera acadêmica e tocava a formação humana em sua essência.

Figura 2 – O final da peça



Fonte: os autores (2024)

A CRÍTICA

Personagem Parada: *Dizer que a matemática não é só números, mas que são, são sim, mas que dá pra usar para expressá-los, como usamos na nossa peça. Usamos a matemática em forma de tempo. E expressamos sentimentos muito fortes, inclusive, nos ensaios, chorei, como todo mundo tem direito de chorar, não é mesmo? (Ri)*

Um ponto decisivo no percurso da pesquisa foi a passagem da proposta inicial para a criação de uma peça autoral. A ideia original previa que os alunos encenassem as crônicas que lhes haviam sido entregues; no entanto, a dinâmica dos encontros, somada à autonomia conquistada pelo grupo, conduziu a outro caminho. Das palavras e temas extraídos das crônicas: “tempo”, “números”, “professor”, nasceu o impulso para inventar uma narrativa própria, um roteiro tecido a partir de vivências e percepções do próprio elenco. A decisão, construída coletivamente, deu novo fôlego ao projeto: já não se tratava de reproduzir algo

pronto, mas de erguer uma criação autêntica, expressão do entendimento singular dos alunos sobre a intersecção entre matemática, teatro e literatura.

A partir desse instante, o projeto deixou de ser mera encenação e assumiu o caráter de invenção. Essa virada permitiu que a pesquisa se voltasse à investigação do processo criativo em si, às conexões que os alunos traçavam de modo autônomo.

Na análise dos resultados, destacou-se a forma como foram construídas as narrativas e como os estudantes expressaram suas visões sobre a integração matemática e teatro. Em um primeiro momento, a matemática aparecia associada a “números”, “operações” e à ideia de algo “complicado”. Já o teatro surgia como “expressão de sentimentos”, “entretenimento” e “contação de histórias”. A junção dessas duas esferas, para eles, não era evidente no início, e foi justamente esse estranhamento que alimentou a potência da experiência.

Em tempo, as categorias de análise foram levantadas a partir dos dados produzidos durante os encontros e permitiram organizar e interpretar as informações. As principais categorias que emergiram foram: o *Despertar da Criticidade e o Trabalho em Equipe*, que investiga como a prática transformou a percepção dos alunos sobre a matemática e incentivou a colaboração; a *Imagem Social da Matemática*, que se concentra em como o projeto ajudou a desmistificar a disciplina e a quebrar preconceitos; as *Expressões Matemático-teatrais*, que exploram a intersecção entre as formas de expressão da matemática e do teatro; e as *Conexões entre a Matemática e o Teatro*, que elabora como os alunos estabeleceram relações entre as duas áreas, utilizando o tempo como um elo central entre elas. Juntas, essas categorias fornecem um panorama das potencialidades e dos resultados do estudo.

O Despertar da Criticidade e o Trabalho em Equipe

O projeto abriu um espaço em que os alunos puderam exercitar a criticidade, descobrindo que a matemática não se reduz a uma disciplina exata, fria e distante. O desafio lançado foi o de questionar sua utilidade no cotidiano, conectando-a a questões sociais e ao fortalecimento do pensamento crítico. Uma das alunas traduziu essa mudança de olhar ao dizer: “a matemática não é só número, mas que dá pra usar para expressá-los, como usamos na nossa peça.” Sua fala marcou a passagem de uma visão meramente instrumental da disciplina para outra, em que a matemática se apresenta como linguagem capaz de traduzir emoções e experiências. A abordagem interdisciplinar reforçou esse movimento, e a prática teatral, com sua dimensão didático-pedagógica e seu incentivo à interação entre palco e plateia, mostrou-se decisiva nesse processo. Em tempo, Mendes Filho comenta

[...] Teatro Matemático, devido a seu caráter didático-pedagógico, a interação palco-plateia e a participação do público são aspectos fundamentais. Um público que participa, que discute o tema, que o avalia de maneira crítica, se mostra mais próximo de aprender e se desenvolver. (Mendes Filho, 2016, p. 139)

Mas não foi apenas a criticidade que floresceu. O trabalho em equipe também se tornou alicerce do projeto, unindo matemática e teatro em um mesmo gesto coletivo. Nas atividades, os alunos aprenderam a ouvir uns aos outros, a respeitar diferentes perspectivas e a construir sentidos em conjunto. Esse espírito de cooperação revelou-se de maneira intensa em um dos ensaios, quando uma aluna, tomada pelo nervosismo diante da apresentação,

foi amparada por todo o grupo. A solidariedade, cultivada pela prática teatral, devolveu-lhe a confiança. Ela enfrentou a cena, venceu a insegurança, e o triunfo foi compartilhado por todos. Esse exercício de coletividade não apenas aprimorou habilidades sociais, como também despertou a empatia, aprendizado essencial para a vida.

A criação de cenas autorais, inspiradas nas crônicas, deu ainda mais força à reflexão crítica. Ao escreverem suas próprias histórias, os alunos reconheceram o valor de suas vozes e foram convidados a pensar de modo atento sobre o que haviam aprendido e como poderiam expressar isso artisticamente. A experiência confirmou que o teatro, em si, já é educativo: nele, artistas e espectadores refletem sobre a vida e aprendem a partir dessa reflexão. O processo criativo, conduzido de forma coletiva, tornou-se um aprendizado dinâmico, em que conceitos amplos como *número* e *tempo* foram explorados em conjunto, revelando novas possibilidades de sentido.

A imagem social da matemática

O projeto ergueu-se como oportunidade de confronto e reinvenção da imagem social da matemática, discutida por Lacerda (2015), tantas vezes percebida como disciplina rígida, inacessível e desprovida de emoção. Nas primeiras atividades, os alunos deram voz a essa visão cristalizada: matemática como algo “complicado”, “problemático”, até “horrível”. Contudo, a prática teatral abriu brechas nesse muro de percepções, desmistificando a disciplina. A fusão entre raciocínio matemático e expressão artística gerou novas possibilidades de olhar, instaurando um ambiente mais acolhedor e receptivo ao aprendizado.

Essa transformação ganhou corpo nas próprias falas dos estudantes. O que antes era “chato”, tornou-se “divertido” quando trabalhado em conjunto com o teatro. A mudança revela o alcance da proposta, que, ao valorizar interdisciplinaridade e criatividade, permitiu que a matemática se apresentasse sob outra luz: lúdica, acessível, atravessada de humanidade. A arte, e em especial o teatro, mostrou-se potente estratégia para ressignificar experiências e aproximar a disciplina da vida cotidiana, fazendo com que os alunos se sentissem mais à vontade diante dela. O teatro não foi tratado como ferramenta para ensinar a Matemática, não se buscou hierarquizar as disciplinas, uma em detrimento da outra, mas sim, um caminhar junto. Sobre a possibilidade do teatro na transformação da imagem social da matemática, Lacerda aponta que

[...] o Teatro como recurso para estimular o interesse dos alunos e como linguagem artística [...] contribuindo com a mudança de uma imagem negativa para uma Matemática que vai além do certo ou do errado dos problemas tradicionais. (Lacerda, 2015, p. 149)

A discussão sobre a imagem social da matemática trouxe ainda outro aspecto fundamental: o papel do professor. Nas falas dos participantes, surgiram descrições como “legais e extrovertidos” e “os que mais buscam conversar”. Essa percepção positiva, dirigida aos educadores, atuou como ponte para uma relação menos intimidadora com a disciplina. Ao enxergar o professor de matemática sob essa ótica, os estudantes também puderam fortalecer a própria autoestima, reconhecendo-se capazes de participar, dialogar e estabelecer vínculos mais leves com o universo matemático.

Expressões Matemático-teatrais

O conceito de expressões matemático-teatrais emergiu como eixo central da pesquisa, sustentando a ideia de que matemática e teatro, ainda que em linguagens distintas, são formas de expressão que se entrelaçam. Na matemática, a expressão ganha corpo em fórmulas, equações e gráficos, instrumentos que dão forma visível ao pensamento abstrato. No teatro, a expressão vibra no corpo, na voz e nos gestos, traduzindo emoções e histórias. A união dessas duas dimensões revelou-se fértil, ampliando horizontes e enriquecendo o aprendizado.

Ao encenar personagens e construir cenas, os alunos puderam transformar conceitos abstratos em experiências mais concretas e com significado. O *Mágico do Tempo*, por exemplo, tornou-se metáfora viva: condensou o tempo como conceito matemático e, ao mesmo tempo, como experiência humana e emocional. Essa personificação abriu caminho para que os estudantes o explorassem com liberdade criativa. O palco transformou-se em território seguro para experimentar, ousar e expressar, elementos que parecem tantas vezes ausentes do ensino da matemática. Ainda para Mendes Filho, sobre a possibilidade do teatro na/com a Matemática, e sobre as Expressões Matemático-teatrais

A virtude do teatro está em introduzir ou reforçar os tópicos da disciplina de uma forma lúdica e divertida, ou seja, de um modo que é, geralmente, interessante para o aluno, visto que, no teatro, ele tem a oportunidade de aprender enquanto se diverte. (Mendes Filho, 2016, p. 137)

O projeto mostrou, assim, que o teatro pode funcionar como via eficaz para a expressão de ideias matemáticas. A fala de uma aluna sintetizou essa percepção ao afirmar que “o teatro pode explicar de maneira mais divertida” os conceitos da disciplina. O processo cênico também encorajou a aproximação de temas complexos de forma acessível, como o tempo, abordado não apenas sob olhar numérico, mas em sua dimensão poética, simbólica e emocional.

As Conexões entre Matemática e Teatro

Uma das principais contribuições da proposta materializou-se no processo de autonomia que foi se construindo ao longo da atividade e que possibilitou aos alunos pensarem e perceberem conexões entre matemática e teatro. O que no início parecia oposição irreconciliável revelou-se, com o tempo, complementaridade. O teatro surgiu como ponte: espaço em que conceitos matemáticos podiam ser revisitados em forma de narrativa, tornando-se mais próximos, interessantes e percebidos na vida cotidiana dos estudantes. A percepção de que histórias poderiam abrigar elementos matemáticos foi um dos pontos de virada mais significativos, pois permitiu enxergar a disciplina em novas cores.

O tema do *tempo* mostrou-se um elo interessante nessa travessia. A partir dele, os alunos refletiram em conjunto sobre objetividade dos números e subjetividade das sensações. O relógio deixou de ser o único instrumento de medida. O tempo passou a ser percebido na intensidade de um pôr do sol, no instante compartilhado em família, na memória que se prolonga para além dos minutos. Assim, a matemática, tantas vezes reduzida a números

e cálculos, ganhou vida nas histórias inventadas, mostrando-se também como linguagem sensível. Lacerda diz, sobre as possibilidades do Teatro e seu potencial

Isso que o teatro possibilita, arrastar carteiras e cadeiras, abrir espaço para criação, para o corpo, para a criatividade, modifica a estrutura desse espaço e, com isso, o que se passa ali dentro. A cada encontro, esse espaço escolar é outro. Isso porque modifica as possibilidades de movimento do corpo e, movimentando o corpo, movimenta-se o aprendizado, sendo outras coisas possíveis, Outros aprenderes. (Lacerda, 2021, p. 128)

Essas conexões ultrapassaram o plano disciplinar e alcançaram a formação humana. A criação coletiva fortaleceu habilidades de comunicação e colaboração, valores indispensáveis tanto ao teatro quanto à matemática. E cada superação individual repercutiu no grupo. A trajetória da aluna que enfrentava dificuldades de comunicação e leitura exemplifica esse movimento: no palco, encontrou confiança, segurança e pertencimento, revelando que a prática teatral não apenas abriu caminhos para aprender matemática de outra forma, mas também ampliou horizontes para o aprendizado como um todo. O projeto, assim, tornou-se mais que experiência interdisciplinar, transformou-se em exercício de formação integral.

O FECHAR DAS CORTINAS?

A prática desenvolvida nesta pesquisa evidenciou que a articulação entre a matemática, o teatro e as crônicas, pode se constituir em uma abordagem pedagógica dinâmica e potente. Ao longo do processo, foi possível notar que a matemática pode ser explorada no contexto de uma peça teatral de maneira criativa e humanizada.

O Palco da Educação: Reflexões sobre a Prática Docente

A condução desta pesquisa revelou-se uma experiência transformadora para a prática docente. O processo desafia concepções prévias sobre o ensino da matemática, mostrando que a atuação em sala de aula pode ir muito além de uma abordagem estritamente exata. Evidencia-se, com isso, a importância de adotar práticas pedagógicas que explorem a disciplina com criatividade, permitindo aos alunos vivenciá-la de múltiplas formas. O percurso também aprofunda a compreensão sobre a insegurança discente, reforçando o papel do professor em desmistificar o medo de “não ser bom o suficiente”. Consolida-se, assim, a perspectiva de que a prática docente pode apresentar a matemática como uma linguagem poderosa, capaz de expressar ideias e sentimentos, superando um ensino focado apenas em exercícios repetitivos, regras e fórmulas.

Imagem e Transformação: Um Novo Olhar sobre a Matemática

A imagem social da matemática, um dos pilares do estudo, foi ressignificada pelos participantes. O projeto se mostrou uma oportunidade de confrontar preconceitos e medos em relação à disciplina. A fala dos alunos, que a viam como “chata” mas que a acharam “divertida” ao trabalhar com o teatro, ilustra a transformação que a prática pode promover. A abordagem do projeto, que valoriza a interdisciplinaridade e a expressão criativa, mostrou que a matemática pode ser vista sob uma nova luz, como algo lúdico, acessível e profundamente humano.

O Fechar das Cortinas e o Início de uma Nova Cena

Este artigo não se propõe a oferecer conclusões definitivas sobre a pesquisa ou a experiência vivenciada na escola; ele se apresenta antes como um ponto de partida, um convite para que outros educadores matemáticos se aventurem nas interseções entre matemática, teatro, crônicas e outras linguagens artísticas.

O fechamento das cortinas, por sua vez, não sinaliza um fim absoluto, mas sim um intervalo entre atos. Ele deixa espaço para que as ideias, os aprendizados e as experiências criadas continuem a reverberar na prática docente, na vida dos alunos e na própria percepção do que significa ensinar e aprender matemática. Cada ensaio, cada cena, cada criação coletiva construída pelos alunos evidencia que a matemática não precisa ser encapsulada em uma disciplina, em um livro didático, mas pode manifestar-se enquanto subjetividade, emoção, imaginação e expressão artística, “porque não trazer mais teatro para as aulas de matemática e matemática para os grupos e aulas de teatro?” (Dalcin, 2022, p. 16).

O palco da educação permanece aberto, pronto para novas cenas, novos atos e novas descobertas. E nesse palco, o que se aprende não se limita aos conceitos matemáticos: aprende-se sobre colaboração, sobre comunicação, sobre empatia, sobre o valor de experimentar, errar e tentar novamente. A prática mostra que a matemática e o teatro, quando entrelaçados, não apenas ensinam conteúdos, mas também formam sujeitos mais sensíveis, críticos, criativos e humanos.

Que este intervalo entre atos sirva como lembrança de que a educação é, antes de tudo, um espaço de encontros: entre disciplinas, entre pessoas, entre experiências. Que a cortina volte a subir, sempre, para que outras histórias sejam contadas, outros tempos sejam medidos de maneira sensível, e outros mundos matemático-teatrais continuem a se constituir nas escolas e em outros espaços educativos.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Trad. Leonel Vallandro—Porto Alegre: Rio Grande do Sul. Ed.:Globo S.A—1969.

BARROS, Mateus de Souza. **“Meu Delírio é a experiência com coisas reais’—o encontro entre a matemática, o teatro, as crônicas, as...”** Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 126f, Porto Alegre, 2024. Acesso em 13 set. 2025.

BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. Obras escolhidas: volume 1. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 227-242. Acesso em: 22 jul. 2025

BENJAMIN, Walter. **Brinquedo e Brincadeira: observações sobre uma obra monumental**. Obras escolhidas: volume 1. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 227-242. Acesso em: 22 jul. 2025

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Editora 34, 2002.

BOGDAN, Robert C; BIKLEN, Sari K. **Investigação qualitativa em educação: uma**

introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994. Acesso em 17 set. 2025

CAMPOS, Elisa. Padilha. **Arte e matemática: nas interfaces do teatro e da educação**. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-06102016-155152/>. Acesso em 23 jul. 2025

DALCIN, Andreia. Matemática, literatura infantil e teatro: aproximações. **Colnspiração–Revista dos Professores que Ensinam Matemática**, Mato Grosso, v. 5, p. e2022010, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.61074/Colnspiracao.2596-0172.e2022010> . Acesso em 22 set. 2025.

DOS SANTOS, Marco. Antonio. Ferreira.; VIEIRA SILVA, Mary. Anne. **Jogos Teatrais como mediadores do diálogo entre educação e cotidiano social: apontamentos teórico-metodológicos**. Revista Educação, Artes e Inclusão, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 054–072, 2017. DOI: 10.5965/1984317813022017054. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/8291> . Acesso em: 7 set. 2025.

FÜHR, Lucas. **A aritmética nos escritos de Rosvita de Gandersheim**. Dissertação de Mestrado em Ensino de Matemática, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre. 131f. 2024. Disponível em <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/289201/001243882.pdf?sequence=1>. Acesso em 14 set. 2025.

LACERDA, Hannah. **Educação Matemática encena**. Dissertação de Mestrado em Educação Matemática, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, p. 181, 2015. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/handle/11449/132416>. Acesso em 06 set. 2025.

LACERDA, Hannah. **Teatrematizar: Afetações de uma professora de Matemática com escola, com teatro, com alunas, com...** Tese de Doutorado em Educação, Universidade Estadual Paulista. Rio Claro, p. 159, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/679cfa55-9f98-4527-af42-90619a22ce38>. Acesso em 2 jul. 2025.

MENDES FILHO, Alvarito. **Matemática em cena: aprendizagens por meio da montagem e encenações de peças do teatro matemático**. Dissertação de Mestrado em Educação em Ciências e em Matemática, Instituto Federal do Espírito Santo, Vitória, p. 193, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ifes.edu.br/handle/123456789/220> .Acesso em 22 set. 2025.

NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia: ou Helenismo e Pessimismo**. Trad. de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. **Obras Incompletas**. Coleção os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

POLIGICCHIO, Andrea. Gonçalves. **Teatro: materialização da narrativa matemática**. 2011. Tese – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002274009>. Acesso em 23 jul. 2025.

VASCONCELOS, Raquel Célia Silva de. **Teatro infantil e educação em Walter Benjamin** 2013. 166 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação,

Programa de Pós Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/7697>. Acesso em 22.set. 2025.

Histórico

Recebido: 05 de agosto de 2025.

Aceito: 18 de novembro de 2025.

Publicado: 31 de dezembro de 2025.

Como citar – ABNT

BARROS, Mateus de Souza; DALCIN, Andréia. Das coxias ao prosclênio: conversas e ensaios entre matemática, literatura e teatro.

Revista de Matemática, Ensino e Cultura – REMATEC, Belém/PA, n. 55, e2025002, 2025.

<https://doi.org/10.37084/REMATEC.1980-3141.2025.n55.e2025002.id810>

Como citar – APA

Barros, M. de S., & Dalcin, A. (2025). Das coxias ao prosclênio: conversas e ensaios entre matemática, literatura e teatro. *Revista de Matemática, Ensino e Cultura – REMATEC*, (55), e2025002.

<https://doi.org/10.37084/REMATEC.1980-3141.2025.n55.e2025002.id810>

Número temático organizado por

Iran Abreu Mendes  

Cláudia Regina Flores  